

**“INTERCULTURALIDADE – EMIGRANTES PORTUGUESES EM LONDRES”****A. M. ROMÃO<sup>1\*</sup>, M. O. B. GONÇALVES<sup>1</sup> e P. C. A. C. REMOALDO<sup>2</sup>**<sup>1</sup>Centro de Estudos da População Economia e Sociedade - CEPESE/Universidade do Porto<sup>2</sup>Laboratório de Paisagens, Património e Território (La2pt), Instituto de Ciências Sociais - ICS/Universidade do Minho  
anamariaromao@hotmail.com\*

Artigo submetido em janeiro/2015 e aceito em outubro/2015

DOI: 10.15628/holos.2015.2711

**RESUMO**

O presente artigo insere-se no projeto “Empreendedorismo Emigrante Português em Londres, Nice, Mônaco e Andorra”. É financiado pela FCT, sendo a instituição proponente o CEPESE/Universidade do Porto. Este projeto integra uma equipa multidisciplinar e tem por base a análise comparativa do percurso empreendedor de emigrantes portugueses, a sua inserção nos contextos socioeconómicos, culturais e políticos locais e a sua presença nos media (e.g., internet, documentários, imprensa). O mesmo respeita a três situações territoriais distintas: a cidade de Londres (Reino Unido), o principado de Andorra, a Região dos Alpes Marítimos (mais especificamente a cidade de Nice) e o Principado do Mónaco. Pretende-se com este artigo estudar a relação dos emigrantes portugueses, em Londres, com as comunidades autóctones e com outros emigrantes de outras culturas em cruzamento nesta

cidade. A relação que se estabelece nesta amálgama de pertenças sociais diversificadas, nas quais eles próprios e as novas gerações, seus filhos, hesitam entre assumirem ou rejeitarem estas diversas influências. Esta relação nem sempre é fluída, essencialmente devido ao receio que os pais têm de que os seus filhos assumam comportamentos desviantes em relação à sua cultura de origem, provocando tensões dentro da própria família. A metodologia utilizada centra-se na análise qualitativa de vinte entrevistas individuais, realizadas na cidade de Londres entre os dias 1 e 10 de Julho de 2014. Cada entrevista, com a duração de 15 a 60 minutos, foi orientada por um guião previamente definido. Com o presente estudo pretendemos contribuir para uma melhor abordagem do fenómeno da emigração, analisando as suas implicações/estratégias interculturais em contexto familiar.

**PALAVRAS-CHAVE:** Londres, Portugueses, Emigração, Interculturalidade, Família.**"INTERCULTURALITY - PORTUGUESE EMIGRANTS IN LONDON"****ABSTRACT**

This article is part of the project "Entrepreneurship Portuguese emigrant in London, Nice, Monaco and Andorra." It is funded by FCT, with the proposing institution CEPESE / University of Porto. This project is part of a multidisciplinary team and is based on the comparative analysis of the entrepreneurial path of Portuguese immigrants, their integration in socio-economic, cultural and local politicians and their presence in the media (eg, internet, documentaries, press). The complaint relates to three different territorial situations: the city of London (UK), the principality of Andorra, the region of Alpes-Maritimes (more specifically the city of Nice) and the Principality of Monaco. The aim of this article to study the relationship of Portuguese emigrants in London, with indigenous communities and

other immigrants from other cultures in crossing this city. The relationship established in this amalgam of diverse social membership, in which they and future generations, your children, hesitate between assume or reject these diverse influences. This relationship is not always fluid, mainly due to the fear that parents have of their children assume deviant behavior in relation to their culture of origin, causing tensions within the family. The methodology focuses on qualitative analysis of twenty individual interviews, conducted in the city of London between 1 and 10 July 2014. Each interview, lasting 15-60 minutes was guided by a pre-defined script. With this study we aim to contribute to a better approach to the phenomenon of emigration, analyzing its implications / intercultural strategies in family context.

**KEYWORDS:** London, Portuguese, Emigration, Interculturalism, Family.

## 1 INTRODUÇÃO

Todos os indivíduos se encontram profundamente ligados na e à vida social. Lassner, Matthews e Stoney, citado por Wilkinson e Pickett (2010, p. 247) concluíram que “os conflitos e tensões com outras pessoas são, de longe, os acontecimentos mais penosos da vida quotidiana no concernente a efeitos tanto iniciais como duradouros sobre o bem-estar emocional”. É à dimensão e à qualidade das nossas relações sociais que vamos buscar muito do nosso bem estar individual que nos permite, também, colaborar no bem estar colectivo. Se há traço que une todas as culturas em todas as épocas, é a preocupação com a interação social, com o que as outras pessoas podem dizer ou pensar sobre nós. A indiferença preocupa-nos, a simpatia cativa-nos e, por isso, percorremos o caminho de reanálise constante do nosso comportamento na busca de aprovação.

Se este processo é difícil quando integrados na nossa cultura, muito mais o é quando convivemos com uma cultura diferente da nossa. Possuidores de um “conjunto básico de capacidades sociais” (Wilkinson e Pickett, 2010, p. 247) que nos foram inculcadas pela nossa educação e que nos permitem identificar rostos, linguagem física e verbal, compreender o que é e não é aceitável, o que nos possibilita criar empatias e gerir conflitos, faz-nos sentir órfãos quando nada disso é válido. Diferentes sociedades têm padrões diferentes sobre o que é o êxito e, para atingir esse fim, detêm estratégias próprias que nem sempre conhecemos e sabemos dominar.

É nesta dimensão que entendemos a interculturalidade: aceitar a diferença e conviver com ela quando somos os “anfitriões” e quando somos os “convidados”. Ambas as dimensões são imprescindíveis nesta dialética. Mais do que numa coexistência pacífica, o modelo intercultural manifesta-se no cruzamento de várias culturas, em que nenhuma é aniquilada nem imposta, acolhendo o “outro” e aceitando o que este convívio implica: o progresso de todos.

“Perspetivar a diversidade cultural como um recurso valioso para a sociedade pressupõe uma ideologia multicultural positiva encontrando-se apoio para que os grupos etnoculturais mantenham e partilhem as suas culturas com as outras pessoas” (Neto, 2007, p. 7)

Numa sociedade multicultural como aquela em que vivemos, o direito à diferença deve ombrear como o direito à igualdade (Antunes, 2009, p.40).

Este artigo surgiu das “franjas” do Projecto “Empreendedorismo Emigrante Português em Londres, Nice, Mónaco e Andorra”, isto é, no resultado da análise das entrevistas realizadas na cidade de Londres, pareceu-nos ser pertinente debruçar-nos sobre a interculturalidade e seu impacto dentro da família, e ainda a forma como os nossos emigrantes se relacionam tanto com o país que os acolhe como com todos aqueles migrantes que se cruzam.

Após a análise de alguma literatura, outra questão se tornou presente e que gostaríamos de abordar futuramente no contexto da discriminação. Esta questão respeita a um alerta para que as investigações futuras, neste âmbito, procurem incidir mais sobre a migração e não tanto sobre a diversidade, no que concerne à coesão social, de forma a confrontar a questão que se coloca em relação aos fluxos migratórios, ou seja, a classe social e o poder económico de quem emigra influencia a sua aceitação pelo país receptor?

Este artigo foi constituído com por base a revisão da literatura da temática em questão. Será apresentada a metodologia utilizada, a discussão dos resultados assim como as referências bibliográficas consultadas.

## 2 REVISÃO DA LITERATURA

A preocupação das instituições internacionais com a questão da interculturalidade é enorme. Num mundo cada vez mais interligado, a cooperação entre os povos torna-se premente. Ban Ki-Moon, Secretário-Geral da ONU, sublinhou em 2010, durante uma cerimónia na Sede da ONU em Nova Iorque para assinalar o Ano Internacional para a Aproximação das Culturas, que “o diálogo entre as culturas, entre as civilizações e entre as religiões, é crucial para alcançar os objectivos fundamentais da Carta das Nações Unidas, no atinente a fazer respeitar os direitos humanos e fundamentar o desenvolvimento”<sup>1</sup>. Também no Livro Branco sobre Diálogo Intercultural, o Conselho da Europa (2009) defende que o diálogo intercultural contribui para a sua missão essencial: preservar e promover os direitos humanos, a democracia e o Estado de Direito. Ao afirmar, já na Primeira e Terceira Cimeira de Chefes de Estado e de Governo dos Estados membros, que a diversidade cultural caracteriza o rico património europeu, e ao identificar o diálogo intercultural como meio de promover a compreensão, reconciliação e tolerância na prevenção de conflitos e garantia da integração e coesão da sociedade, enunciou o que viria a ser o Livro Branco. Neste, o diálogo intercultural é entendido como uma troca aberta e respeitosa de ideias entre os indivíduos e grupos com diferentes origens étnicas, culturais, religiosas e linguísticas, baseada na compreensão e no respeito mútuo. Ela exige a capacidade de saber ouvir os pontos de vista dos outros e a liberdade de expressar os seus. Cumprindo-se estes pressupostos, a coesão das sociedades culturalmente diversas torna-se mais fácil.

Não obstante a cultura caracterizar um povo, ela não deixa de ser uma teia flexível e dinâmica que se adapta a novas situações e integra novos elementos, refazendo-se continuamente (Antunes, 2009, p. 40).

Um dos domínios mais abordados na investigação intercultural tem sido a “aculturação” no sentido de que um indivíduo ou grupo, em contacto contínuo com outra cultura, adapta outros valores culturais.

Para além desta análise, a investigação desenvolvida estuda, comparativamente, as semelhanças e diferenças psicológicas das culturas presentes e, ainda, as alterações que se operam nas pessoas quando colocadas em contextos culturais diferentes.<sup>2</sup>

Cada indivíduo reage de maneira diferente, considerando o seu *background* cultural e social. Segundo Wilkinson e Pickett (2010, p. 47), os problemas dos países ricos não são causados pelo facto de a sociedade não ser suficientemente rica mas sim pelo facto de a escala de diferenças materiais entre as pessoas, no seio de cada sociedade, ser demasiado grande. Ainda segundo estes autores, o que é relevante é a posição que cada um ocupa em relação aos outros, no seio da mesma sociedade (Wilkinson e Pickett, 2010, p. 47). Por isso, podemos inferir que quanto mais perto da base da hierarquia social mais os indivíduos se deparam com a discriminação e o preconceito. Se introduzirmos nesta equação a etnicidade, a nossa presunção é que esta última aumenta a discriminação social. A ideia geral de que as minorias têm uma maior incidência de problemas sociais, pode ser considerada fundamental, já que, muitas vezes, estes grupos são excluídos à partida. Mas, se alguns elementos destes grupos minoritários não pertencerem aos excluídos?

<sup>1</sup><http://www.unric.pt/actualidade/28103-dialogo-intercultural-e-indispensavel-num-mundo-cada-vez-mais-interligado>

<sup>2</sup> <http://www.cic.pt/pec/default.asp?link=N13>

Deveremos, então, reanalisar a forma como determinados emigrantes se integram na sociedade que os acolhe.

Há uma preocupação política crescente sobre o impacto dos fluxos migratórios e a coesão social. Apesar de não haver uma definição universalmente aceite de “coesão social”, a maioria dos autores concorda em agregar a este constructo os conceitos de “solidariedade” e “união”. Segundo o livro Branco sobre o Diálogo Intercultural, editado pelo Conselho da Europa, a definição de coesão social passa pela capacidade de uma sociedade garantir o bem estar de todos os seus membros, reduzindo ao mínimo as disparidades e evitando as polarizações.

Segundo Demireva (2014), estudos evidenciam que a desigualdade económica e o modelo democrático são mais importantes para explicar a coesão social nas sociedades europeias. Segunda esta autora, uma limitação fundamental nos estudos disponíveis resulta de as análises versarem sobre a diversidade e a coesão social, e não na imigração e a coesão social. E isto porque as comunidades podem tornar-se mais diversificadas sem imigração, e a imigração nem sempre fomentar a diversidade étnica ou racial. O factor económico cria um estatuto social que aproxima uma faixa de imigrantes da inclusão social e cultural do país de acolhimento. Esta abordagem deveria ser mais desenvolvida, até porque Portugal se está a tornar num país de emigração com características diferentes das levadas de emigrantes anteriores. E esta convicção sobressai em algumas entrevistas e conversas informais realizadas na cidade de Londres, onde se constatou a diferença entre os emigrantes que se estabeleceram nesta cidade nos últimos anos e os anteriores a esta nova vaga. São emigrantes que nem sempre se misturam socialmente nos habituais locais de convívio de emigração (associações, clubes, cafés), dando prioridade a outros tipos de relacionamentos.

Há também, neste contexto, pesquisas que apontam para a forma como os jovens imigrantes, em contextos multiculturais, se comportam de maneiras diferentes, isto é, são mais propensos a uma postura monocultural em casa e são mais multiculturais quando na escola (Bauer et al, 2012).

### 3 METODOLOGIA

A amostra foi constituída por 20 pessoas – emigrantes portugueses empreendedores em Londres, 15 do sexo masculino e 5 do sexo feminino. Como técnicas de recolha de dados, foram realizadas 20 entrevistas, na cidade de Londres, entre 1 e 10 de Julho de 2014. Cada entrevista teve a duração entre 15 e 60 minutos. As entrevistas baseavam-se num guião previamente elaborado.

Face ao problema da investigação definido para o projeto intitulado “Empreendedorismo Emigrante Português em Londres, Nice, Mónaco e Londres”, que está a ser desenvolvido por um grupo de investigadores e proposto pelo Centro de Estudos da População, Economia e Sociedade da Universidade do Porto, e tendo em consideração os aspectos teóricos e a revisão bibliográfica, foram estabelecidas para o presente trabalho as seguintes hipóteses:

Hipótese 1 – Os pais rejeitam as influências culturais que afectam o conceito que têm de família.

Hipótese 2 – Os emigrantes aproximam-se e apoiam-se com mais facilidade em indivíduos com influências culturais que lhe parecem familiares.

A investigação qualitativa, segundo Bogdan e Biklen (1994), citado por Martins (2006), surgiu no final do século XIX e início do século XX, atingindo o seu apogeu nas décadas de 1960 e 1970. Se, nos anos cinquenta, a escola de gestão e administração de Harvard definia o estudo de caso apenas como uma forma de relatório descritivo, já, em meados da década de setenta, é visto como um método de organização e tratamento de dados de investigação, que abrangem a observação sistemática e a informal, a entrevista, o questionário e os dados documentais.

Logo, podemos considerar que estes dados designados por qualitativos são ricos em pormenores relativamente à informação qualitativa fornecida pelo ser humano, resultando daí que o seu tratamento estatístico é complexo. Segundo ainda Bogdan e Biklen (1994), citado por Oliveira (2008, p. 38), as questões são “formuladas com o objectivo de investigar os fenómenos em toda a sua complexidade e em contexto natural”.

Ainda, parafraseando Martins (2006, p. 68) “A investigação qualitativa tem na sua essência, segundo Bogdan e Biklen (1994), cinco características: (1) A fonte directa dos dados - o ambiente natural e o investigador. O investigador é o principal agente na recolha desses mesmos dados; (2) Os dados que o investigador recolhe são essencialmente de carácter descritivo; (3) Os investigadores que utilizam metodologias qualitativas interessam-se mais pelo processo em si do que propriamente pelos resultados; (4) A análise dos dados é feita de forma indutiva; e (5) O investigador interessa-se, acima de tudo, por tentar compreender o significado que os participantes atribuem às suas experiências”.

Ainda segundo Oliveira (2008), e referindo Quivy e Campenhoudt (1995), as entrevistas exploratórias têm como função principal revelar alguns aspectos do fenómeno estudado, os quais o investigador não teria por si mesmo, já que não exerce controlo sobre estes fenómenos.

No caso da presente investigação, as entrevistas realizadas abriram novos campos de análise que não estavam previstos. Ao permitir que os entrevistados enriquecessem as entrevistas com considerações sobre a sua vivência como emigrantes, permitiu que nos questionássemos sobre a forma como se relacionam com a diversidade cultural, tanto da cidade que os acolheu, Londres, como com as diversas culturas que interagem nesta cidade. De que forma conseguem conservar a sua cultura de origem? De que forma conseguem transmitir esse sentir aos seus filhos? Por outro lado, como é que os filhos se relacionam com a cultura dos seus pais? Que influência tem neles a escola, já que é ela, também, um ponto de encontro de grande diversidade cultural? Será a proximidade cultural o factor principal a criar laços de solidariedade e união entre as pessoas? E será que o aspecto económico é pertinente na aceitação de outras culturas, ou pesa mais a proximidade de hábitos?

## 4 RESULTADOS

No que se refere à primeira hipótese, “Os pais rejeitam as influências culturais que afectam o conceito que têm de família”, ao analisarmos os resultados, consideramos como material de análise duas entrevistas por nós validadas e suficientes no cumprimento da hipótese a que nos propomos analisar. Como já referimos na metodologia, e apoiando-nos nos pareceres de Quivy e Campenhoudt (1995), as entrevistas exploratórias têm, por vezes, a habilidade de nos revelar alguns aspectos do fenómeno estudado que nos teriam passado despercebidos. Pensamos que,

neste contexto, estudar o impacto que o processo migratório exerce sobre a família, enriquece o projecto - base.

Analisando as entrevistas, pudemos constatar algumas apreciações sobre esta problemática e que passamos a expor.

Segundo a nossa entrevistada, a sua filha mais velha que, na altura em que emigraram, teria cerca de sete anos, adaptou-se bem à escola, segundo ela até com mais facilidade que ela própria. No entanto, falou da dificuldade de comunicação inicial e como esta dificuldade a fez aproximar de uma criança com a mesma cultura e a mesma língua:

C- Ela hoje tem catorze anos e eu quando vi fartei-me de rir, porque é assim. Porque a criança, quando ela entrou toda a gente falava o inglês e ela queria comunicar, claro, e não conseguia, não sabia e senti dificuldade e então o que é que acontece ... tive uma guerra muito grande porque ela agarrou-se logo a uma menina portuguesa que também entrou na mesma altura que ela, então e ela ficou tão feliz quando ela descobriu que aquela menina também só falava português. Agarram-se as duas e depois, claro, andavam sempre as duas de um lado para o outro. Criou-se uma amizade muito forte e depois, pronto, foram conseguindo, pronto, mas foi pela necessidade, porque às vezes daquelas brincadeiras de crianças, um puxa daqui, outro puxa dali e então o que é elas faziam então como elas não sabiam falar, pimba e quando chega à escola tinha já uma queixa à porque a sua menina deu um pontapé deu um não sei quê... Mas a minha filha não é desse género, sei que ela está nervosa, ... talvez ... com a situação. Chego a casa e pergunto, ó filha mas tu não és de fazer, porque...ó mãe é assim eles estavam a brincar puxavam-me pela blusa e eu queria dizer não faças isso, não faças isso em inglês, mas eu não sabia, olha dei um pontapé. (*Mulher, 42 anos, sócia de ourivesaria*)

Este pai, apesar de considerar a escola boa, realça que recebe todo o tipo de gente.

D- Pronto é mesmo o clima que é depressivo, frio, mas pronto mas isso suporta-se, mas pronto, é , para as crianças, e , não é ser racista nada disso, mas, pronto, aqui não se controla, das duas uma ou se é muito rico e consegue-se pôr os filhos numa escola .... privada. Mas isso é não está ao alcance isso é para José, Mourinhos e etc..., caso contrário tenhamos que pôr numa escola pública, ... aí não se controla...(Homem, 46 anos, sócio de ourivesaria)

Este pai faz ainda considerações sobre o facto de as culturas serem totalmente diferentes:

Há zonas aqui em Londres que nem parece que estamos em Londres, estamos no Bangladesh, ou assim...(Homem, 46 anos, sócio de ourivesaria)

A nossa entrevistada alonga-se mais, e comenta a dificuldade que teve em mostrar às filhas que alguns comportamentos não eram aceitáveis em casa:

....é gente de muitos países e então o que é que acontece, aprendem muitas, aprendem muita coisa que para nós é um atraso .... vão a uma casa de banho, por exemplo, e não puxar o autoclismo e não lavar as mãos também, não sei se me está a entender.... de higiene, são questões que nós em casa deparamo-nos que às vezes os nossos filhos como passam o dia todo na escola vêm com certos costumes que nós temos que batalhar muito nisso porque para eles a partir do

momento em que passa a ser normal, né nós temos que os fazer entender que é anormal ...

...pois a questão, por exemplo, dos quartos todos desarrumados as casas todas muito desarrumadas, as minhas filhas e eu as vezes, eu ficava, mas eu não quero isto, ha mas se fores a casa da minha amiga tu assustas-te, filha mas a casa da tua amiga é a casa da tua amiga, a tua casa é a tua casa, na casa de banho, por exemplo, vê papel higiénico no chão, não cabe no cesto, não pode por no chão, não sei se me está a entender, são coisas, são coisas que para mim como mãe, por exemplo, tenho que batalhar ha, pronto, já batalhei bastante, né elas têm que aprender em casa porque se não acham normal. Por exemplo na escola chegam e vêem aquilo tudo assim...

... exactamente, mas aonde é que elas foram buscar esta ideia? eu ficava assim mas mas é que é que, eu a mim chocava-me completamente, quando vou às reuniões das escolas, acho que um dia, por acaso fui à casa de banho e é que eu vejo aonde é que elas foram buscar isso e depois comecei a conversar com elas, ó filhas e então tive que lhes explicar, são pequenas coisas pelo fato de lidarem com ...

...todos e depois a minha pequenina, também na escola, chegava a casa e pim, pim mas, mas aonde é que, e eu ficava assim chocada porque nós não fazemos isso, num, num, a onde é que iam buscar e depois é que (...) na escola, toda a gente, é são coisas que temos que ensinar, mas assim, mas é cultura filha, mas a nossa cultura não é essa, porque depois nós, imagine, vai a a agora vais com o pai ou a mãe a algum lado ou a Portugal e toda a gente vai ficar a olhar para ti, não é a nossa cultura, fica feio filha, então coisas que nós temos que batalhar mais na nossa na nossa cultura sempre, muito, muito, muito, temos que trabalhar muito com os nossos filhos em casa. *(Mulher, 42 anos, sócia de ourivesaria)*

A nossa entrevistada, apesar de considerar que são pessoas simpáticas:

Temos que deparar-nos com várias culturas, os nossos filhos trazem para dentro de nossas casas um pouco de cada cultura e então nós temos que estar sempre... *(Mulher, 42 anos, sócia de ourivesaria)*

A nossa entrevistada não faz só referência a culturas vindas com a imigração, mas também faz alusão à cultura inglesa:

... E portanto os nossos filhos com os ingleses, os ingleses, por exemplo, têm uma liberdade totalmente diferente da nossa, a partir dos dezasseis anos aqui as crianças começam perdem-se muito se nós não formos muito, portanto, termos um pulso muito grande, muito grande com a liberdade que aqui a lei inglesa dá, permite e eu digo-vos uma coisa é uma luta muito, e quando via as mães virem aqui, as vezes estavam aqui clientes e desabafavam um bocadinho e eu pensava assim, a, ta, se calhar alguma coisa não correu bem em casa, pronto, pensava para mim e mas não...

... Não porque a nossa mais velha já passou pelos dezasseis, pela fase dos dezasseis e a gente sabe aquilo porque passamos. Pronto, graças a Deus, pronto, está encaminhada mas, aqui eles põem na cabeça às crianças que a partir dos dezasseis são maiores e as crianças perdem-se completamente. Perdem-se, isto

é, não querem obedecer aos pais porque os ingleses não obedecem. Os ingleses não obedecem, fazem o que querem, mas a gente tem que lutar. Não vocês não são ingleses são portuguesas, vocês vão obedecer-nos até... Porque a gente considera que a nossa cultura, apesar de tudo, é muito boa. *(Mulher, 42 anos, sócia de ourivesaria)*

A nossa entrevistada continua a falar da realidade inglesa que menos lhe agrada e que lhe entra pela casa dentro. Apesar de consciente de que o divórcio é transversal a todas as sociedades, considera que está muito mais presente na sociedade inglesa. Segundo ela, o seu casamento de vinte anos é um caso raríssimo entre os ingleses:

... exactamente. No entanto as nossas filhas, por exemplo, estão rodeadas ... sempre os amigos e as amigas vão sempre um fim de semana com o pai um fim de semana com a mãe. Depois as nossos filhos metem essas coisas na cabeça, ... quando chega a idade dos dezasseis anos, a liberdade, a liberdade é diferente com um pai só e uma mãe separados, então eles acham que isso é que é giro, isso é que é cool, não sei se me está a entender... e a chantagem? A chantagem monetária, a chantagem para terem as coisas. E agora imagine o que a gente tem que passar e aqui neste país é tudo as.., quase tudo assim, não se vê quase, é quase um pai por filho .... *(Mulher, 42 anos, sócia de ourivesaria)*

A nossa entrevistada considera-se, culturalmente, mais próxima dos imigrantes de Leste:

Nós os portugueses temos uma maneira de ser e as pessoas dos países do Leste são pessoas como deve ser também. E têm uma cultura semelhante à nossa. São pessoas, também, pronto, já sabe. Existem também pessoas que não prestam como em todo o lado... *(Mulher, 42 anos, sócia de ourivesaria)*

Na sequência desta abordagem feita pela nossa entrevistada, passamos a analisar a segunda hipótese: “Os emigrantes aproximam-se e apoiam-se com mais facilidade em indivíduos com influências culturais que lhe parecem familiares”.

Nesta questão, esta entrevistada sente grande proximidade aos imigrantes dos países de Leste, por serem “pessoas como devem de ser”. No entanto, durante a entrevista, refere que nunca se sentiu apoiada pela comunidade portuguesa. Quando questionada se tinha tido apoio da comunidade portuguesa respondeu:

Não porque isto é assim, porque, pronto, cada um tem a sua vida... A pessoa também não pode fazer muitas perguntas pessoais ou por exemplo não falar da nossa vida ... Expor-se, ... por exemplo eu estou a fazer perguntas, nós mesmos por nós mesmos é que é que temos que ler, informar-nos, descobrir, internet ... *(Mulher, 42 anos, sócia de ourivesaria)*

Um dos entrevistados comenta a dificuldade de relacionamento com paquistaneses e indianos:

...mas lá está uma pessoa acaba de chegar de Portugal sabe que as coisas aqui são todas muito caras e pois isto é realmente muito caro, ao fim de muitos meses é que vim a descobrir que era o próprio landlord que roubava a electricidade, ou seja, estamos a falar de um homem, e... isto nem devia entrar aí, indianos e paquistaneses nunca acreditar é a gente mais mentirosa à face da terra, eles



olham para vocês assim a a a doutora, doutora "...I'll take care" é tudo mentira. Se souber quem tem dez pee no bolso arranja maneira de lhe tirar os dez pee, e o que é que acontece, estamos a falar de um homem que era multimilionário, metade daquela rua High Road em Luton era dele, é dele e mesmo assim roubava a electricidade, os contratos da água e da luz que era daqui e dali punha em meu nome ou no nome de outro, bom, era uma trifulhice. (Homem, 46 anos, sócio de ourivesaria)

Uma outra entrevistada considera que os ingleses se sentem muito importantes e não são educados. Esta entrevistada, que se deixou iludir quando veio para Londres iniciar o seu negócio.

Está a ver? A educação é extrema, vêem que estamos a fazer uma entrevista e interrompem na hora... isto é fantástico.... (Mulher, 48 anos, sócia de restaurante)

Esta entrevistada também refere a dificuldade de apoio por parte dos emigrantes portugueses. Esta opinião é corroborada pela maior parte dos entrevistados, que são praticamente unânimes em falar da falta de apoio por parte dos emigrantes portugueses já instalados em Londres. No entanto, há um grande número de emigrantes portugueses que, quando questionados se tiveram oportunidade de ajudar um conterrâneo, afirmam que sim.

Depois os portugueses com que nós convivemos aqui não.... É uns a dar facadas uns aos outros ....É por isso que eu sou muito simpática porque tenho um negócio aberto, porque se não tivesse eu era um bicho... os madeirenses são piores. (Mulher, 48 anos, sócia de restaurante)

Gostaríamos de referir aqui um artigo que faz alusão a esta dificuldade de entendimento com a comunidade madeirense. Outros entrevistados deram a entender esta dificuldade nas entrelinhas, mas com pudor em verbalizar. Por isso, consideramos oportuno fazer referência a outras fontes: num artigo publicado *on line* no The Guardian,<sup>3</sup> em tradução livre. Segundo um casal de proprietários de um café:

Há uma grande comunidade aqui, mas não se mantêm juntos. Todo mundo olha para os seus próprios interesses. Eles dizem que os portugueses, em geral, e os madeirenses, em particular, são grupos muito distintos. "Eles certamente são", diz Luísa, uma madeirense. "Mas é como Inglaterra e a Escócia", diz ela. "Há muitas pessoas em Portugal que pensam que são os melhores, porque eles têm tudo, mas nós, madeirenses não somos assim." Isso faz com que Eric dê uma risada. "Eles querem ser independentes!" E dá uma gargalhada.

Regressando à entrevistada, a mesma afirma que sempre se dispôs a colaborar com emigrantes necessitados:

....Muita gente de comerem de borla e beberem, muita coisa, mas não consigo ser de outra maneira, não consigo... se calhar ainda vou levar mais patada mas não faz mal...porque não consigo ver alguém a precisar... estas meninas funcionárias por exemplo, estão numa situação complicada....mas a miúda precisa de

<sup>3</sup> Benedictus, Leo, *Every race, colour, nation and religion on earth - part three*, The Guardian, January 2005, <http://www.theguardian.com/uk/2005/jan/race.britishidentity>

sobreviver, precisa de comer, então dei-lhe trabalho, a outra é uma miúda “desencontrada”. *Mulher, 48 anos, sócia de restaurante*)

Faz também uma distinção entre os emigrantes que estão em Londres há muitos anos e os que acabaram de chegar, que é o caso dela:

... estão cá há muitos anos, vinte, trinta.....precisamente, eles não gostam dos novos emigrantes, eles não aceitam, não... (*Mulher, 48 anos, sócia de restaurante*)

Alguns dos nossos entrevistados a trabalhar em Londres praticamente não contactaram com outros emigrantes portugueses. O caso que vamos referir, respeita a um jovem que foge à regra, dado não ter emigrado por necessidade económica mas sim para progredir na carreira. Apesar de ter recorrido a um conhecido que se encontrava em Londres, durante o primeiro mês, conseguiu, passado duas semanas já estar a trabalhar com contrato.

Eu comecei a empresa a trabalhar para estrangeiros, tudo menos para ingleses, para lhe ser muito sincero, mas não portugueses e eu sempre descartei a comunidade portuguesa, vou-lhe ser muito sincero, sempre descartei a por... porque senti que não havia ali negócio por para arquitecto, a mostrou-me este ano pois este ano que passou o contrário, tive vários e continuo a ter vários cada vez mais clientes portugueses, digamos assim, a velha guarda emigrante, não os novos aqueles que chegaram agora como eu, mas os mais antigos começam agora a , começam a ter alguém, começam não, começam porque as pessoas começam-me a conhecer... (*Homem, 36 anos, dono de empresa de arquitetura*)

No entanto, a vivência deste entrevistado, no último ano, mostrou-lhe que a comunidade portuguesa é um mercado interessante e constata que os emigrantes portugueses preferem trabalhar com alguém de origem portuguesa, ou seja, que fala a sua língua nativa:

.....à medida que a gente se vai conhecendo eu cada vez estou mais interligado através, é onde eu quero chegar, aos construtores, estou a começar a ligar-me aos construtores portugueses, eu começo a ter um bocado a percepção da realidade portuguesa cá, tanto dos mais novos de como dos mais antigos, que é interessante, mas o que eu acho, o que eu acho o que está a acontecer é os mais velhos foram aqueles que conseguiram bons negócios, óptimos negócios, no centro de Londres e como neste momento Londres está eu posso dizer que temos os quantos pobres milionários, isto é, eram pessoas que e viviam muito humildemente e agora, eu tenho casos disse, que são milionários à força ... Não, não têm dinheiro, têm propriedades e que se quiserem vender ou alugar faz um retorno, e tá a acontecer a várias pessoas que investiram em a nem há tanto tempo, quinze anos vinte anos atrás em propriedades em South Kensington e Westminster e que neste momento, por... quase forçados ou aquilo que está a acontecer em Londres tornaram-se milionários. (*Homem, 36 anos, dono de empresa de arquitetura*)

## 5 DISCUSSÃO

Os nossos entrevistados, não querendo correr o risco de serem considerados “racistas”, manifestam grande desagrado pelo comportamento dos filhos, quando assumem

comportamentos culturais diferentes do dos seus pais. Incomoda-os igualmente os comportamentos que consideram “desviantes”, tanto dos pais ingleses como dos pais jamaicanos.

Quanto à segunda hipótese, as conclusões a que chegamos não nos parecem tão consistentes. Se, por um lado, há uma valorização de culturas “parecidas” com a nossa que lhes parecem muito aceitáveis e apreciadas, por outro, existe um fenómeno que contraria, de certa forma, esta constatação. Por exemplo, encontramos uma difícil relação dentro da própria comunidade emigrante portuguesa, e que se torna ainda mais visível quando se fala dos emigrantes do continente e da comunidade emigrante da Madeira.

Seria um assunto interessante investigar/avaliar a razão do afastamento destas comunidades de emigrantes portugueses que, partilhando a mesma cultura, numa cidade estranha, mesmo assim, se mantêm afastados.

A interculturalidade integrando valores de cidadania, igualdade, tolerância, oposição à supremacia de culturas sobre outras, transnacionalidade, superação dos hermetismos sociais do Estado-Nação, direitos humanos, educação multicultural, visa não apenas a formação, mas também a integração dos grupos no todo social, perante o individualismo e a cultura consumista e imediatista da globalização.

Questionamos-nos: Por onde anda a interculturalidade?

De facto, a complexidade e a interculturalidade são, no mundo de hoje, fenómenos cada vez mais intrinsecamente ligados. Torna-se necessário uma mudança de paradigma, - nos vários domínios, entre eles: família, escola, profissão e em qualquer lugar -, abandonar o ego/etnocentrismo e contribuir para uma sociedade integradora, equitativa, solidária e justa, independentemente da religião, da etnia, ou outros.

## 6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ANTUNES, MARIA DA CONCEIÇÃO PINTO, *Interculturalidade e Intervenção Comunitária*, Revista Galego-Portuguesa de Psicología e Educación
2. BAUER, STÉPHANIE, LOOMIS, COLLEN, AKKARI, ABDELJALIL, *Intercultural immigrant youth identities in contexts of family, friends and school*, 2012, Journal of Youth Studies, Department of Education, University de Genève, <http://www.tandfonli.com/doi/full/10.1080/13676261.2012.69359> preview
3. BENEDICTUS, LEO, *Every race, colour, nation and religion on earth - part three*, <http://www.the-guardian.com/uk/2005/jan/21/race.britishidentity>, consultado em Setembro 2014
4. CONSELHO DA EUROPA, *Livro Branco sobre o Diálogo Intercultural “Viver juntos em Igual Dignidade”*, 2009, Strasbourg.
5. DEMIREVA, NELI, *Immigration, Diversity and Social Cohesion*, The Migration Observatory, at the University of Oxford, [http://www.migrationobservatory.ox.ac.uk/sites/files/migobs/Briefing%20-%20Immigration%20Diversity%20and%20Social%20Cohesion\\_0.pdf](http://www.migrationobservatory.ox.ac.uk/sites/files/migobs/Briefing%20-%20Immigration%20Diversity%20and%20Social%20Cohesion_0.pdf), 2014, consultado em Setembro 2015
6. MARTINS, VALDEMAR NASCIMENTO PARREIRA, *Avaliação do valor educativo de um software de elaboração de partituras: um estudo de caso com o programa Finale no 1.º ciclo*, Dissertações de Mestrado em Educação, Universidade do Minho, 2006, consultado em

Dezembro 2014

7. NETO, FÉLIX, Atitudes em relação à diversidade cultural: implicações psicopedagógicas, in Revista Portuguesa de Pedagogia, Ano 41-1, 2007, 5 a 22, Universidade de Coimbra.
8. OLIVEIRA, HELENA MARGARIDA MARTINS ROSÁRIO DE, *O supervisor pedagógico enquanto mediador entre o aluno estagiário e o educador acompanhante: o caso específico do estágio na educação pré-escolar*, 2008, Tese de Mestrado em Ciências da Educação, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa, 2008.
9. PRATAS, MARIA HELENA, *Intercultural Education in Portugal: Policies and practices*, Instituto Superior de Educação e Ciências (Portugal), [https://metranet.londonmet.ac.uk/fms/MRSite/Research/cice/pubs/2009/2009\\_329.pdf](https://metranet.londonmet.ac.uk/fms/MRSite/Research/cice/pubs/2009/2009_329.pdf), consultado em Janeiro de 2015
10. WILKINSON, RICHARD, PICKETT, *O espírito da Igualdade*, Editorial Presença, Lisboa, 2010.